

Justiça e Violência no Desporto

Rui Proença Garcia

Universidade do Porto – Faculdade de Desporto

É com muita honra e elevado sentido de responsabilidade que me encontro na *Casa da Democracia* para proferir algumas palavras, poucas que o tempo é diminuto, sobre a temática da violência no Desporto. Aprendi na mais tenra idade que a gratidão é um valor de primeira-água, pelo que as primeiras palavras é para em meu nome pessoal, do Reitor da Universidade do Porto e do Diretor da Faculdade de Desporto agradecer à Senhora Deputada Edite Estrela, Presidente da 12ª Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto Comissão, e ao Senhor Deputado Pedro Bacelar de Vasconcelos, Presidente da 1ª Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, o convite formulado, e nas vossas pessoas agradecer a presença dos Senhores Deputados, na esperança que possa a ser útil aos vossos propósitos.

Também uma palavra de reconhecimento às restantes pessoas presentes e uma saudação aos oradores deste painel, cuja qualidade me torna muito pequenino.

Minhas Senhoras e meus Senhores, a violência associada ao desporto tem sido um tema que tem merecido de minha parte muita reflexão. E, com toda a sinceridade sabendo que estou a ser politicamente incorreto ou, ao invés, apoliticamente correto, não é assunto que atualmente me cause muita apreensão. Obviamente que não posso pactuar com qualquer atropelo à dimensão ética do desporto, seja esse desvio de grande ou pequena importância, seja num jogo da Liga dos Campeões ou de um qualquer Campeonato Distrital, mas reconheço que as situações de violência são previsíveis e controláveis e que raramente afetam o resultado final de um jogo ou de uma competição. As Forças de Segurança possuem dados estatísticos que permitem prever com bastante rigor a forma de violência, os jogos ou competições mais sensíveis, podendo atuar preventivamente.

Neste momento o que mais me preocupa são os indícios de corrupção com que diariamente somos brindados pela comunicação social, infelizmente uma representação da sociedade em geral. São constantes as acusações fundadas ou não de corrupção na sociedade em geral, sendo o desporto mais um local de expressão dessa eventual degradação moral.

A corrupção no desporto parece existir, não se sabendo onde irá acontecer nem qual a forma que terá. É imprevisível, podendo afetar de sobremaneira o resultado de um jogo, de uma prova, de toda uma competição. Infelizmente algumas denúncias confirmaram-se, em especial no que tange a apostas ilegais.

Podia resumir esta apresentação a uma frase mais ou menos comum: ao futebol o que é do futebol, aos outros o que é dos outros. Por exemplo, no que respeita à *Operação Lex* não me

parece que seja um real problema do desporto, mas provavelmente de um órgão de soberania. Porquê discutir este assunto, de eventual corrupção no meio da justiça, num programa de desporto? Não deveria ser primeiro discutido num outro fórum? O ónus fica no desporto quando, a meu ver, deveria residir numa outra entidade. Compreendo as razões do desporto analisar esta “Operação” e ficar melindrado com o seu desenvolvimento, uma vez que qualquer pequena ocorrência imoral no desporto é ampliada vezes sem conta.

Mas falemos rapidamente de violência. São apenas algumas notas de um longo roteiro que depois no debate poderemos explicar mais profundamente.

Primeira nota: temos de distinguir violência do desporto, intrínseca a esta atividade, de violência no desporto, ou seja, aquela violência que ocorre nas arenas desportivas, mas que provém de outras esferas. A Assembleia da República foi sábia ao designar esta Conferência de Violência no Desporto, convocando desta forma uma diversidade de situações

Segunda nota: definir claramente o perímetro do desporto, distinguindo aquilo que é da sua responsabilidade daquilo que lá acontece por culpa de outros.

Terceira nota: identificar com clareza os múltiplos intervenientes do fenómeno desportivo, atribuindo-lhes as suas quotas-partes na responsabilidade do clima de violência, e não só, que atualmente grassa no nosso desporto.

Quarta nota: ter a plena consciência que os clubes desportivos são emergências sociais, com uma história e fazendo parte da História, com lugares próprios, expressando muitas vezes valores locais ou contradições sociais.

Quinta nota: vivemos numa sociedade onde impera o relativismo axiológico, como muito bem tem sido denunciado por muitos pensadores de vários matizes filosóficas, de que destacamos o então Cardeal Ratzinger que postula que *nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida o próprio e as suas vontades*¹, tudo mudando a cada instante. Com efeito, em pouco tempo mudamos muito, de cônjuge, de religião, eventualmente de partido político, até de sexo, sendo que o nosso maior sentimento de pertença é o clube desportivo.

Sexta nota: ter a plena consciência que para muitos milhões de pessoas em todo o mundo, as únicas alegrias da vida são as vitórias desportivas dos seus clubes ou seleções nacionais.

Analisemos muito rapidamente os principais intervenientes de um jogo de futebol, que são variados e que possibilitam jogos diferentes.

Temos os jogadores, que são castigados caso ultrapassem os limites das regras.

¹ Ver Bento XVI (2010). *Luz do Mundo*. Cascais: Lucerna, Princípia Editora, p. 58.

Temos os treinadores, que até são multados se se atrasarem para as entrevistas rápidas que, “a quente” têm de dar após o jogo.

Temos os árbitros, que são penalizados caso cometam erros grosseiros.

Temos os dirigentes, que podem ser castigados pelas suas afirmações, embora raramente estes castigos tenham consequências práticas.

Temos os adeptos, muitas vezes apenas com uma ligação afetiva ao clube, que podem penalizar os seus clubes por atos de violência ou vandalismo.

Temos as claques, que transmitem alegria ao estádio, mas que por vezes, felizmente poucas, provocam o caos, cujas consequências recaem no clube.

Temos as forças de segurança que tem de atuar dentro de limites aceitáveis, podendo haver punições se tal não acontecer.

Temos o código deontológico dos jornalistas que não permite incontinências verbais².

Depois temos alguns comentadores que não estão sujeitos a nenhum dos códigos anteriores, mas que têm a real capacidade de formar a opinião pública.

Temos até alguns ditos cientistas sociais, que por não compreenderem profundamente o desporto legitimam a violência, confundindo-a com a natural agressividade de uma luta leal³.

O desporto, qual utopia, é perfeito na sua conceção. Tal como a sociedade em geral tenta eliminar focos de violência, controlando o mais possível a agressividade, que é natural aos seres vivos, não permitindo que descarrile para violência, uma construção humana.

Porém, como vemos na Ilha de Utopia de Thomas More, o desporto é praticado por seres humanos, pelo que há lugar ao erro⁴. Na Utopia original, embora se tratasse de uma sociedade perfeita, havia uma cadeia e polícia exatamente pela mesma razão. Desta forma, pelo erro, no desporto há lugar para a violência, devendo esta ser reprimida, como aliás tem sido. Há lugar, não digo à maneira de Júlio Dantas a “cenas de ódio”, a situações eticamente reprováveis por parte de alguns seus intervenientes, mas o pior é aquilo que se passa em seu redor.

Um clube não é como um ginásio ou academia da moda, que nasce como um negócio e que se desenvolve como aquilo que é. Um clube nasce num lugar, espelhando valores e/ou

² É de referir que nos programas desportivos onde se instala muita polémica com os comentadores, por vezes abeirando as “vias de facto”, os jornalistas são sem sombra de dúvida as pessoas mais prudentes, moderadas e ponderadas.

³ Infelizmente nem sempre há rigor em alguns trabalhos académicos, onde as categorias violência e agressividade são confundidas.

⁴ Valendo o que vale, há um livro escrito com um colega da Universidade do Minho onde se analisa os *Jogos Olímpicos sob o signo da Utopia*. Rui Garcia e Camilo Cunha (2016). Lisboa: Visões & Contextos.

contradições. Não foi o futebol que criou a rivalidade entre Porto e Lisboa, entre Braga ou Guimarães, ou, em Espanha, entre Madrid e Barcelona. Vem de trás, de outras histórias.

Um Estádio de futebol é um lugar antropológico. Não é apenas um relvado com cerca de um hectare de área, e de umas bancadas com mais ou menos espectadores. É um lugar antropológico, com uma história, com uma cultura, com valores. Não foi por acaso que os Presidentes do FC Porto, Benfica e Sporting sentiram alguma tristeza aquando do derrube dos seus antigos Estádios para se construírem os atuais, muito melhores. Creio que pelo menos um destes presidentes nem quis assistir ao camartelo.

Por outro lado, os clubes de uma mesma cidade provêm muitas vezes de classes sociais diversas. É o caso, aqui em Lisboa, do Benfica e do Sporting, em Sevilha do Bétis e do Sevilha, em Belo Horizonte do Cruzeiro e do Atlético Mineiro. Muitas das batalhas campais que por vezes acontecem nos estádios não resultam do desporto em si mesmo, mas de extensões destas contradições sociais ou de rivalidades históricas.

Os clubes são, então, marcas sociais que expressam muito mais do que associações desportivas, tornando-se muitas vezes símbolos regionais, mesmo axiológicos. Barcelona, dizem alguns, simboliza a eterna luta da periferia contra o centralismo, da produção de riqueza contra a sumptuosidade do paço real, entre outras contradições análogas.

É aí que muitas vezes temos de ir buscar os fundamentos da violência que depois se manifesta no Estádio de futebol.

Senhoras e Senhores Deputados, repudio qualquer prática tida como antidesportiva, que atente contra a superior ética do desporto, mas temos a obrigação de verificar a proveniência desse desvio comportamental. Se nos centrarmos naquilo que se passa dentro das quatro linhas, verificamos que são poucas as situações de real violência. Com certeza que há algumas, mas em número reduzido.

Fruto de muitas contradições sociais, numa sociedade acontecem situações críticas, de violência. Como neste momento não existem muitas referências ou âncoras axiológicas, o desporto tem um lugar privilegiado para essas manifestações. Mas, e vou ser mais uma vez politicamente incorreto, ainda bem que tal acontece. A Polícia sabe que essa violência vai acontecer em tal dia, dentro de determinadas horas e num local bem definido. Pode prevenir, como aliás tem feito de forma excelente. Imaginemos que não havia futebol. Como e com quem seria? Quando e onde seria? A Polícia poderia reagir, nunca prevenir⁵. Assim, previne-se.

⁵ Tem sido notícia em alguma comunicação social encontros marcados através das redes sociais de adeptos de clubes rivais que assim lutam uns contra os outros, sem qualquer possibilidade de intervenção policial.

Se analisarmos a presente época desportiva, não só no futebol, mas no desporto em geral, podemos perguntar quantas manifestações de violência ocorreram de facto? Muito poucas, com toda a certeza. Porém, as poucas que há são amplificadas vezes sem conta, criando-se a ideia que estamos perante uma guerra global. Suponhamos que retiramos do comentário desportivo determinados programas. Pergunto retoricamente: o que restava? Talvez muito pouco.

O sentimento de pertença emocional dos comentadores, perfeitamente legítimo, amplifica factos, podendo aplicar-se a máxima “violência gera violência”.

Não tenho uma solução plena para estes problemas, mas há passos que podem ser dados nesse sentido. Posso propor o primeiro passo, que entendo ser o primordial.

Esse passo é distinguir a violência do desporto de violência no desporto. Esta distinção é fundamental. A violência do desporto, isto é, aquilo que ocorre dentro das “quatro linhas”, deverá ter consequências desportivas. Este tipo de violência pode afetar seriamente o resultado final, seja por via de uma lesão infligida no adversário ou qualquer outra situação que possa produzir vantagens no desenrolar da atividade.

Aos jogadores, equipa técnica e a outros elementos que atuam diretamente na competição, acrescentamos as claques organizadas que têm apoio expresso por parte dos clubes. Atos de violência acontecidos dentro do Estádio tendo como protagonistas elementos destes grupos organizados, também deverão ter consequências desportivas. Aqui a autorregulação do desporto impõe-se.

As outras situações, que configuram violência no desporto, deverão ter outro tipo de consequências, provavelmente de esferas judiciais, mas sem punição desportiva exceto quando contribuem decisivamente para o resultado final do jogo, que, convenhamos, raramente acontece. Não creio que a punição destes fenómenos de violência deva ser regulada pelo movimento desportivo.

Ao desporto o que é estritamente do desporto. Aquilo que acontece no desporto, mas que não é estritamente do seu domínio, deverá ser analisado e eventualmente punido por outras esferas.

Embora ainda sem uma reflexão aturada, entendo ser fundamental partir para uma formação ética do maior número possível dos agentes desportivos, aqueles enunciados no “perímetro do desporto”. Compreender o desporto enquanto categoria ética é essencial para se poder atuar corretamente. Possibilitar essa formação para que depois se possa exigir-la pode ser um instrumento preventivo da violência.

Muito obrigado.

Assembleia da República, 3 de abril de 2018